Dia 4 — Santa Bárbara, Virgem e Mártir

Martirológio Romano

São Pedro Crisólogo, bispo e confessor, de quem se faz memória no dia 2 deste mês. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O suplício de Santa Bárbara, virgem e mártir, em Nicomédia; a qual, na perseguição de Maximiano, depois de haver padecido um longo e penoso cárcere, foi queimada com tochas, cortaram-lhe os seios e, com outros tormentos, chegou à coroa do martírio sendo degolada. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Teófanes e seus companheiros, em Constantinopla. (Faziam parte da criadagem do palácio do imperador Leão, o Armênio, herege iconoclasta, e por não quererem obedecer às ordens de seu amo, que se opunha ao culto das imagens dos Santos, foram martirizados no ano de 780.)

São Meleço, bispo e confessor, no Ponto, esclarecido por sua grande erudição, e muito mais por sua virtude e inocência de vida. (Floresceu no século III e, durante a perseguição de Diocleciano, ainda que padeceu muito pela fé, não pôde alcançar a coroa do martírio. São Basílio, em seu livro *De Spiritu Sancto*, cap. 29, faz um magnífico elogio deste santo Bispo.)

São Félix, bispo, em Bolonha; o qual havia sido diácono da Igreja de Milão no tempo de Santo Ambrósio. (Foi o quinto bispo de Bolonha e trabalhou contra os Arianos e contra os estragos dos godos, até que morreu santamente pelos anos de 398.)

São Osmundo (ou Osimundo), bispo e confessor, na Inglaterra. (Foi conde de Séez, na Normandia, e passou à Inglaterra com Guilherme, o Conquistador, por quem foi criado conde de Dorset. Sua vida no mundo foi sempre a de um Santo, sendo a um tempo cortesão, soldado e magistrado, pois foi algum tempo grande chanceler do reino. Mas não contentando jamais aquele coração, que só se comprazia em Deus, nem as dignidades nem as honras, retirou-se do mundo, abraçou o estado eclesiástico e em 1078 foi consagrado bispo de Salisbúria. Compôs o Costumeiro, Breviário, Missal e Ritual, chamado depois de Sarum, para uso de sua igreja. Exercitada sua paciência e purificada sua alma com uma prolixa enfermidade, partiu para o Senhor no ano de 1099. Calisto III o canonizou solenemente em 1456.)

Santo Anão, bispo, em Colônia. (Foi um cavaleiro que, sendo jovem, serviu no exército; mas em breve, tocado da graça, renunciou ao mundo e abraçou o estado eclesiástico. Em 1056, por instância ou proposta do imperador Henrique III, o Negro, foi elevado à sé de Colônia, vencendo à força sua humildade, que se resistiu quanto pôde a ocupar aquele posto. Buscava os pobres em seus próprios casebres, levava-os às vezes em seus ombros e remediava todas as suas necessidades. Jejuava muito, sujeitava a carne com cilícios e pregava. Reformou os mosteiros de sua diocese, ergueu dois de cônegos regulares em Colônia e três de Beneditinos em várias partes. Foi nomeado regente do império durante a menoridade de Henrique IV pela imperatriz Inês e pelos Estados gerais. E tendo sido admirável no governo da Igreja e no do Estado, morreu santamente em Colônia no ano de 1075.)

São Marutas, bispo, na Mesopotâmia; o qual restabeleceu na Pérsia as igrejas arruinadas na perseguição do rei Isdegerdes; e esclarecido com muitos milagres, mereceu que o venerassem até seus próprios inimigos. (Este santo Prelado foi um dos mais ilustres Padres da Igreja da Síria no fim do século IV e bispo também de Tagrit, na Mesopotâmia, diocese fronteiriça ao reino da Pérsia. Compilou as atas dos Mártires que padeceram naquele reino durante a perseguição de Sapor, desde o ano de 340 a 380, parte de cuja apreciável coleção foi recolhida e publicada por Estêvão Assemani no ano de 1748. Escreveu também vários hinos em louvor dos Mártires. O imperador Teodósio, o Moço, depositou sua confiança no santo Prelado e por duas vezes consecutivas o enviou de embaixador à corte de Isdegerdes, rei da Pérsia, o qual, pelas orações do Santo, foi curado de uma violenta dor de cabeça que seus magos não haviam acertado nem sequer a aliviar. Estes, temendo que o Príncipe se deixasse persuadir por São Marutas a abraçar a religião cristã, inventaram calúnias e urdiram tramas traiçoeiras e vilãs para perdê-lo, das quais triunfou o Santo por meio da virtude milagrosa de que o havia dotado o céu. Depois de haver feito muito bem à Pérsia, erigindo e reedificando igrejas quantas quis, voltou em sua idade avançada a sua diocese, levando consigo várias relíquias de Mártires persas, com que enriqueceu de tal modo suas igrejas que a cidade de Tagrit se chamou desde então com o nome raro de Martirópolis. A obra principal deste Padre é uma liturgia siro-caldaica, de que ainda usam os maronitas, que celebram naquela língua. Morreu santamente em sua própria sé antes do ano de 450. Seu corpo foi depois conduzido ao Egito, onde ainda permanece num magnífico monumento do mosteiro de monges sírios no deserto de Esceté. Butler.)

São Bernardo, cardeal e bispo de Parma, na mesma cidade: era da congregação de Vallombrosa, da Ordem de São Bento. (Como legado apostólico conseguiu restabelecer a paz na Itália, muito agitada em seu tempo pelas discórdias civis. E entre outros dos muitos milagres que operou, refere-se que um dia fez voltar a seu leito natural as águas do Pó, que inundavam todo o país. Morreu em Roma em 1133.)

Santa Bárbara, Virgem e Mártir

Santa Bárbara, tão célebre na Igreja, tanto grega como latina, veio ao mundo pela metade do terceiro século. A opinião mais verossímil é que era de Nicomédia, na Bitínia: seu pai se chamava Dióscoro, um dos mais furiosos sectários do paganismo que jamais se conheceram; tão obstinado e

tão afeiçoado às extravagâncias e superstições dos pagãos que sua devoção e seu culto aos falsos deuses chegavam até o delírio e a necedade. Era, por outra parte, de humor extravagante e de natural cruel, tendo todas as suas inclinações bárbaras: não tinha mais que esta filha, na qual Deus havia juntado todas as qualidades e prendas que fazem admirar as de seu sexo: uma formosura extraordinária, um talento superior, uma alma nobre e tão amiga da razão que desde a infância se admirava nela uma prudência sem igual.

Por mais bárbaro que fosse Dióscoro, não deixava de amar apaixonadamente sua filha; e este misantropo era tão idólatra de sua filha como de suas falsas divindades. O temor de que houvesse outro que a amasse tanto como ele fê-lo tomar a ridícula resolução de torná-la invisível aos homens. Mandou construir um aposento acomodado numa alta torre, onde a encerrou com algumas criadas desde sua primeira juventude; e como havia reconhecido nela um espírito extraordinário, quis cultivá-lo, para o que lhe pôs mestres.

Crescendo Bárbara em idade, crescia igualmente em espírito e em sabedoria: suas delícias eram contemplar o céu e aquela multidão inumerável de estrelas, astros e planetas que o formoseiam. Não era menor a atenção, admiração e gosto com que observava a revolução periódica dos céus e das estações: o curso dos astros tão regular e toda a harmonia que advertia na natureza a embevecia; e elevando-se sobre os sentidos só com as luzes da razão, dizia: Qual deve ser a sabedoria infinita, o poder sem limites do artífice que criou todo este vasto universo, que arranjou com tanta habilidade todas as partes de que se compõe e que o conserva com tanta ordem! Quem se atreverá a imaginar que esta grande obra, que este vasto e magnífico palácio foi fabricado por si mesmo, ou que este mundo tão unido, tão bem ordenado e tão adornado foi feito pelo acaso? Quem não reconhece neste todo e em todas as suas partes um Ser soberano e uma suprema inteligência que o conserva e o governa? Quão pouco merecem nossos deuses o nome que levam! Que divindades tão ridículas! Sabe-se quando nasceram estes pretensos deuses: eles não existiram sempre; logo, não se criaram a si mesmos; porque quando alguém não existe, não pode produzir-se nem criar-se; logo, é preciso que haja uma suprema inteligência, um Ser soberano que jamais tenha começado a existir.

Estando Bárbara ocupada nestas sábias reflexões, soube por um de seus mestres que havia um cristão célebre por seu espírito e sua ciência, chamado Orígenes, que fazia grande ruído em todo o Oriente e que passava por um dos homens mais sábios de seu século. Bárbara, segundo se crê, achou modo de falar com ele; e assegura-se que foi quem, antes de sua queda, a instruiu em todos os mistérios da fé e lhe conferiu o Batismo. Feita cristã Bárbara, conheceu logo que a verdade não podia encontrar-se senão num espírito verdadeiramente cristão. Iluminada pelas luzes da fé, não achou gosto daí em diante senão nas máximas do Evangelho. Fazendo impressão a graça numa alma tão inocente, não aspirou senão à soberana felicidade. O mundo pareceu-lhe não ter coisa que fosse digna de um coração cristão. A virgindade, com especialidade, pareceu-lhe uma virtude tão preciosa e tão amável que fez propósito de perder antes a vida que este rico tesouro; sendo a augusta qualidade de esposa de Jesus Cristo o único objeto de sua ambição e de sua ternura.

Como Dióscoro tinha distintas miras a respeito de sua filha, e esta era seu ídolo, pensou em buscar-lhe um estabelecimento correspondente a seu mérito e a suas prendas: logo se lhe apresentou um partido vantajoso, que devia fazê-la uma das senhoras mais principais da província.

Fez-lhe Dióscoro a proposta e dourou-a com tudo o que podia tentar uma senhora jovem. O desprezo com que olhou a Santa este matrimônio não fez que seu pai perdesse de todo ponto as esperanças; o qual, tendo que fazer uma viagem, creu que o tempo a mudaria e que a sua volta a encontraria mais dócil: nossa Santa neste tempo pediu a seu pai que mandasse fazer-lhe, na parte mais baixa da torre, um banho para seu uso. Consentiu Dióscoro nisso, não se atrevendo a negar coisa alguma a sua filha: ela mesma traçou o plano, e seu pai mandou aos pedreiros que fizessem quanto antes a obra. Tendo partido Dióscoro, nossa Santa deu pressa aos obreiros: mas o que queria não era um banho, mas uma capela: mandou fazer nela três janelas que, à falta de imagens, lhe representavam o mistério da santíssima Trindade.

Tendo voltado Dióscoro de sua viagem, corre aonde estava sua filha, abraça-a e, não duvidando de que houvesse mudado de sentimentos sobre o partido que lhe havia proposto, pergunta-lhe se permanece sempre resolvida a não admitir o casamento. Nossa Santa responde-lhe que a ternura com que ama a seu pai não lhe permite apartar-se dele para passar à casa de seu esposo. Vós, pai meu, sois já velho, diz-lhe com um tom terno e afetuoso; permiti que cuide eu de vossa velhice. Dióscoro, enternecido e embevecido de uma resposta tão serviçal e tão obsequiosa, não lhe falou mais de casamento; mas imaginando que a solidão em que havia criado sua filha fosse a causa de quão desgostada estava do mundo, determinou pô-la em sua casa e fazê-la tratar com toda espécie de gentes.

A Santa sentiu vivamente deixar sua solidão; mas instruída pelo Espírito Santo e fortalecida com a graça, determinou fazer-se um retiro interior no fundo do coração, onde esperava não perder jamais de vista a seu Deus. Como seu pai era o pagão mais supersticioso que se viu jamais, havia procurado encher sua casa de ídolos: ao entrar Bárbara nela, ficou surpreendida desta tapeçaria; e não podendo dissimular sua indignação, disse a seu pai com um tom indignado: Que fazem aqui todos estes ridículos bonecos? Dióscoro, ferido vivamente desta pergunta e dos termos de menosprezo de que se havia servido para zombar de seus deuses, respondeu-lhe com um tom áspero, misturado de ameaças: Como falas assim? Chamas bonecos aos sagrados ídolos de nossos deuses? Ignoras acaso o respeito que se lhes deve e a que castigo se expõe quem os insulta? Nossa Santa, movida de compaixão à vista de uma cegueira tão lastimosa e animada ao mesmo tempo de um novo zelo, diz-lhe: É possível, pai meu, que um homem do juízo e prudência que vós tenha por deuses as obras dos homens? Ignorais as infâmias de uma Vênus e as horrendas desordens de um Marte, de um Netuno, de um Apolo, de um Júpiter? Esta só multiplicidade de divindades não é o maior monstro que se pode pensar? Sabei, pai meu, que não há mais que um só Deus, o qual é o ser supremo, criador de todas as coisas, todo-poderoso, infinito, soberano senhor do universo, único juiz árbitro da sorte de todos os homens; e este Deus único e só digno de respeito e adoração é o Deus dos Cristãos; toda outra divindade é uma pura quimera.

Dióscoro estava tão aturdido do que ouvia que parecia haver ficado hirto todo o tempo que durou o arrazoado. Mas voltando de seu pasmo, abandonou-se a seu natural fogoso e brutal; e fazendo-lhe esquecer sua cólera que era pai, arrebatado de um furor que não lhe permitia usar livremente da razão, corre a tomar o sabre para degolar a sua filha, jurando por seus deuses que ele mesmo há de ser seu verdugo. Não ignorava a Santa o que era capaz de fazer seu pai, e assim creu que devia tirar-lhe a ocasião de cometer tão horrível parricídio: escapando, pois, de seu furor por meio da fuga, atravessa um campo para buscar um asilo onde ocultar-se. Mal havia voltado a si Dióscoro,

corre em seu seguimento; mas um rochedo se divide milagrosamente para franquear-lhe a passagem: mas esta maravilha fez pouca impressão naquele furioso; o qual, tendo-a perdido de vista, ficou muito mais colérico. Informa-se onde estava aquela a quem perseguia com tanto furor e raiva. Um pastor lhe assinala uma gruta coberta de ramos onde a filha havia ido esconder-se. Tendo-a encontrado o bárbaro pai, lança-se sobre ela como um lobo raivoso sobre uma inocente ovelha, arrasta-a pelos cabelos e, havendo-se convertido em furor toda a sua ternura, trata-a com tanta crueldade que teria causado lástima até às feras mais ferozes. Levando-a depois meio morta a sua casa, teria acabado de tirar-lhe a vida, se houvesse crido poder fazê-lo impunemente. Resolveu delatá-la ao governador por cristã, esperando que poderia negar a fé à vista dos suplícios, ou que, se perseverava em querer ser cristã, ao menos teria o bárbaro prazer de vê-la expirar nos tormentos.

Não aguardou Dióscoro muito tempo para executar seu cruel desígnio: vai buscar o presidente, chamado Marciano, e apresenta-lhe aquela inocente vítima atada como um criminoso e maltratada toda a golpes. Vendo Marciano esta jovem donzela, em quem a mansidão e a modéstia igualavam a formosura, moveu-se a compaixão: mandou tirar-lhe os cordéis com que estava atada e, blasfemando da severidade de que o pai havia usado com ela, emprega todos os artifícios para fazê-la renunciar à sua religião. Louva-lhe a beleza, o talento, os raros méritos, e promete-lhe tudo o que pode lisonjear e tentar uma donzela jovem, se quer obedecer às ordens do Imperador e adorar os deuses do Império. Então nossa Santa, que até aqui não havia dito palavra, falou ao Governador com tanta energia e eloquência do nada de todas as vantagens passageiras com que a lisonjeava, da quimérica e extravagante divindade dos pretensos deuses dos pagãos e da verdade e santidade da religião cristã que toda a assembleia ficou admirada; o próprio juiz se surpreendeu; mas temendo cair em desgraça da corte se dissimulasse o fato ou se não usasse de severidade com esta jovem cristã, mandou-a despedaçar a golpes, que fizeram de todo o seu corpo uma só chaga: depois, pondo sobre sua carne um horroroso cilício de crinas, mandou encerrá-la num calabouço, onde a cada instante sofria um horrível e doloroso suplício. Jesus Cristo lhe apareceu de noite, consolou-a, animou-a e prometeu sustentá-la em meio dos tormentos; e para dar-lhe provas sensíveis de sua proteção, curou-a repentinamente de todas as suas chagas.

Pela manhã, Marciano a fez comparecer perante seu tribunal e, achando-a perfeitamente curada, quis persuadi-la de que devia sua cura ao poder dos deuses; mas a Santa, olhando com compaixão a este pagão, disse-lhe: Senhor, sois tão cego que creiais que uns ídolos que necessitam da mão dos homens para ser o que são tenham podido operar este prodígio? Nenhum de vossos quiméricos deuses tem poder para tanto: quem me curou é só Jesus Cristo, vosso Deus e meu. Ainda que façais em peças meu corpo, o que me deu a saúde pode também dar-me a vida. Eu lhe fiz um sacrifício da minha, assegurada de que vive eternamente com ele no céu o que morre aqui por seu amor. Irritado o tirano desta resposta, mandou-a despedaçar com unhas de ferro e depois mandou-lhe queimar os lados com tochas acesas. Todo o tempo que durou este cruel e horroroso suplício teve a Santa levantados os olhos ao céu; e com um rosto risonho dizia: Senhor, que conheceis o fundo dos corações, vós sabeis que o meu não ama senão a vós, não deseja senão a vós e em vós só põe toda a sua confiança. Dignai-vos socorrer-me neste rude combate; e não permitais que vossa escrava e vossa esposa seja jamais vencida. Não me arrojeis de vossa presença: fazei que vosso santo espírito não se aparte jamais de mim. O tirano, enfurecido e despeitado ao ver a intrepidez desta heroína cristã, mandou que lhe cortassem os seios. Ainda que

o suplício foi cruel e a dor viva e aguda numa donzela de dezoito a vinte anos, a mão do Todo-poderoso a fortaleceu e a sustentou. Apareceu-lhe pela segunda vez Jesus Cristo e derramou em sua alma tantas doçuras que daí em diante quase não sentiu o rigor dos suplícios. Por último, perdendo o Presidente toda a esperança de vencer sua fé e de cansar sua perseverança, condenou-a a que lhe cortassem a cabeça.

Dióscoro, este pai cruel, desumano e bestial, não contente com haver estado presente a todos os suplícios de sua filha, levou a barbaridade até o extremo de querer ser ele seu último verdugo. Pediu ao juiz que lhe fizesse o gosto de que sua filha não morresse por outras mãos que pelas suas. Um pedido tão bárbaro, que causou horror a todos os que estavam presentes, foi-lhe outorgado. Aquela casta vítima foi levada para fora da cidade a uma pequena colina, onde, apenas chegou, pôs-se de joelhos, levantou os olhos ao céu e, tendo feito uma breve oração, suplicando ao Senhor que aceitasse o sacrifício que lhe fazia de sua vida, estendeu o pescoço àquele pai desumano, o qual de um golpe de sabre terminou uma tão bela vida e lhe proporcionou a glória do martírio no dia 4 de dezembro, sendo imperador Maximino. O céu olhou com horror a desumanidade deste pai bárbaro e quis livrar o mundo deste monstro de crueldade; pois ao descer da colina, todo tinto no sangue de sua própria filha, estando o céu sereno e o ar muito quieto, ouviu-se o ruído de um trovão, e um raio veio estilhaçar ao pé do monte este pai desumano. Pouco tempo depois teve a mesma sorte o governador Marciano, sendo morto por um raio. Desde então se fez universal o culto desta grande Santa, tanto na Igreja grega como na latina; e em toda ela é invocada, especialmente contra os trovões e raios. Pelo mesmo motivo a invocam também para alcançar de Deus a graça de não morrer sem os últimos Sacramentos. Um insigne milagre aumentou esta devoção e a confiança dos fiéis nesta grande Santa.

No ano de 1448 sucedeu na cidade de Gorcum, na Holanda, que um homem chamado Henrique, muito devoto de Santa Bárbara, pela confiança que tinha de que lhe alcançaria a graça de não morrer sem Sacramentos, se encontrou rodeado de fogo num incêndio, sem esperança de salvar a vida. Neste conflito recorreu a sua santa Protetora, a qual lhe apareceu; e ainda que já só lhe havia ficado um sopro de vida, por haver sido tão maltratado do fogo que não tinha figura de homem, disse-lhe que Deus lhe prolongava a vida até o dia seguinte para dar-lhe tempo de receber os últimos Sacramentos da Igreja; e tendo-se apagado o fogo no mesmo instante, confessou-se, recebeu o Viático e a Extrema-Unção: o mesmo sacerdote que o confessou, chamado Teodorico Pauli, deixou à posteridade a história deste grande milagre. Na história de Santo Estanislau Kostka, da Companhia de Jesus, acha-se outra prova insigne desta singular proteção, em resultado de uma confiança semelhante à expressada.

Tendo sido levado a Constantinopla o corpo desta Santa, foi depositado no fim do século IX numa igreja erigida em honra sua pelo imperador Leão. Mas no ano de 991, sendo imperador Basílio, deram estas santas relíquias aos venezianos, cuja maior parte se guarda ainda hoje na igreja dos Padres da Companhia de Jesus de Veneza.

São Pedro Crisólogo, Arcebispo e Confessor

São Pedro, chamado Crisólogo ou palavra de ouro, foi natural de Ímola, chamada antigamente Forum Cornelii, cidade no Estado eclesiástico, perto de Ravena. Cornélio, bispo dela, de quem o Santo fala sempre com grande veneração e com mostras de gratidão, ensinou-lhe as ciências sagradas e ordenou-o diácono. Chama-o pai e diz-nos que todas as virtudes brilhavam em grau heroico em sua conduta e que o lustre de suas grandes ações o havia feito conhecido em todo o mundo. Sob sua prudente direção foi formado nosso Santo desde a juventude em todas as virtudes com os exercícios da vida interior e com eles chegou a entender que dominar suas paixões e sujeitar-se a si mesmo era a verdadeira grandeza e o único meio de granjear o espírito de Cristo. Porque o oráculo da verdade nos assegura que sofrer com paciência uma injúria é às vezes ação mais heroica que vencer nações inteiras, e que, quando nos amanhecer a aurora e desvanecer as sombras em que no presente estamos abismados, veremos claramente que o mais leve ato de perfeita mansidão, humildade, resignação e paciência é de muito mais valor que ganhar milhões de mundos. Este é o mais glorioso triunfo com que é honrado Deus em nós e em que a alma goza de uma verdadeira alegria e paz interior; pois que seus afetos se regulam então e se sujeitam inteiramente a sua santa vontade. Esta vitória doméstica é às vezes demasiado grande para poder alcançar-se sem muitos esforços; nem as dificuldades que nela ocorrem podem vencer-se, nem ser removidos seus obstáculos de outro modo que com uma constante vigilância e aplicação. Para completar, pois, com mais facilidade esta grande obra de sujeitar inteiramente suas paixões e depositar em sua alma o espírito de Cristo, abraçou o estado monástico; e havia já servido a Deus nele com grande fervor e simplicidade por algum tempo, quando foi colocado na sé arquiepiscopal de Ravena. Morto o arcebispo João pelos anos de 430, o clero e povo daquela igreja elegeram um sucessor e suplicaram ao bispo de Ímola que fosse com seus deputados a Roma para obter do papa Sisto III a confirmação daquela nomeação. Cornélio levou consigo seu diácono Pedro, e o Papa (que, segundo os historiadores de Ravena, havia sido avisado para isso por uma visão na noite antecedente) não quis ratificar a eleição feita e propôs a Pedro como pessoa deputada pelo céu para aquela dignidade; em cuja proposta consentiram os deputados depois de alguma resistência.

Recebida a consagração episcopal, foi nosso Santo conduzido a Ravena e recebido nela com extraordinária alegria, residindo então naquela cidade o imperador Valentiniano III e sua mãe Gala Placídia. O santo Bispo extenuava seu corpo com os jejuns e oferecia suas lágrimas a Deus pelos pecados de seu povo, a quem nunca cessou de instruir com suas palavras e seu exemplo. Quando entrou no gozo de sua dignidade, achou em sua diocese muitas relíquias da superstição pagã e até entre os fiéis se haviam introduzido em algumas partes vários abusos; mas foram ditosos frutos de seu zelo apostólico a total extirpação das primeiras e a reforma dos segundos. A cidade de Classe, situada nas costas, era então o porto de Ravena, da qual distava cerca de três milhas; e São Pedro ergueu perto de sua igreja maior uma grande fonte e o mosteiro de Santo André. Exercitava uma caridade sem limites e uma vigilância infatigável com todos os de sua grei, alimentando-os com o

manjar de vida e com a palavra de Deus. Cento e setenta e seis discursos seus existem ainda, cuja coleção fez Félix, bispo de Ravena, no ano de 708. Todos eles são muito curtos, porque nunca quis fatigar a atenção de seus ouvintes. Neles junta uma elegância grande com a extrema brevidade: seu estilo não tem os defeitos comuns de inchado nem forçado na expressão, embora esteja entretecido de sentenças e frases que entre si dizem uma admirável conexão: as palavras são muito oportunas, muito simples e muito naturais; e as descrições afluentes e claras. Contudo, seus discursos são mais instrutivos que patéticos; e ainda que neles se explica muito por extenso a doutrina, encontram-se poucas expressões que firam com veemência os afetos. Nem devem tampouco contar-se seus discursos entre os melhores modelos de eloquência, não obstante haver chegado a tão alto grau sua reputação quanto à qualidade de pregador que mereceu o nome de Crisólogo, que quer dizer tanto como discursos de ouro ou arengas excelentes. Recomenda fortemente a frequente Comunhão, para que alimente diariamente nossas almas a santa Eucaristia, que ele chama por via de regra Corpo de Cristo, em que, diz ele mesmo, comemos ao próprio Cristo. Em todos eles repete e exalta a excelência e a obrigação de dar esmolas, de orar e de jejuar: os quarenta dias de jejum na Quaresma diz que não foram de invenção humana, mas de autoridade divina. Aos que sua pouca saúde não permita jejuar estes quarenta dias, exorta a recompensar aquela falta com abundantes esmolas. Entre as relíquias do paganismo que ele diz haver extirpado, conta o Santo o rito e modo de celebrar o dia de ano-novo; do qual diz: «O que se diverte com o demônio jamais poderá reinar com Cristo.» Segundo aparece de seus escritos, muitas vezes pregou na presença do Imperador e da católica imperatriz Placídia, mãe de três filhos, Valentiniano III, Placídia e Eudóxia. Diz também que a sé de Ravena acabava de ser elevada à dignidade de metropolitana pelo Papa e pelo favor de um príncipe cristão. Porque, ainda que Ravena havia muito tempo era metrópole da província Flamínia, os bispos contudo seguiam sendo sufragâneos do arcebispo de Milão, até que no tempo de São Pedro Crisólogo foi elevada a esta dignidade. Condenado por Flaviano o heresiarca Êutiques, escreveu uma carta circular aos prelados mais ilustres da Igreja em defesa e justificação de sua pessoa e conduta; e nosso Santo, na resposta que lhe deu, dizia-lhe que havia lido com vergonha sua carta; porque, se a paz da Igreja é uma coisa que causava alegria até nos céus, a divisão e a turbulência não podiam deixar de ocasionar tristeza e descontentamento: que o mistério da Encarnação, ainda que inexplicável, nos havia sido transmitido pela lei divina; e que tudo isto devia crer-se com sinceridade de fé. Em virtude disto, exortava-o também a aquietar-se e não disputar, pois tinha diante de seus olhos os rochedos e escolhos em que haviam dado por seguir aquele rumo Orígenes, Nestório e outros. No ano de 448 nosso Santo recebeu Santo Germano de Auxerre com grande honra em Ravena e, depois da morte deste, não teve menos ventura em haver herdado sua cogula e sua camisa. Não lhe sobreviveu muito tempo, pois que no ano de 452, em que Átila se aproximou de Ravena, ocupava já sua sé João, sucessor de Crisólogo, e com efeito saiu aquele a recebê-lo. Avisado, pois, o Santo de sua próxima morte, voltou a Ímola, sua pátria, e ali deu à igreja de São Casiano uma coroa de ouro engastada em pérolas, um cálice de ouro com patena de prata e outras alfaias que se conservam hoje e são famosas por seus milagres. Pedro morreu em Ímola, provavelmente a 2 de dezembro do ano de 450, e foi sepultado na própria igreja de São Casiano. A maior parte de suas relíquias se conserva nela; mas um braço do Santo se venera em Ravena, depositado numa rica urna. (Butler.)

São Clemente de Alexandria, Padre da Igreja

Tito Flávio Clemente foi natural de Atenas; começou seus estudos na Grécia, continuou-os na Itália, na Ásia Menor, na Assíria e na Palestina, e acabou seus dias no Egito; porque o desejo insaciável de saber o fez medir o mundo em viagens, para aproveitar na literatura humana. Faz menção ele mesmo de cinco mestres eminentes que teve: um na Grécia, da seita jônica, dois na Calábria e mais dois no Oriente. Era muito versado na filosofia platônica; mas inclinava-se mais aos princípios dos estoicos; e sem se prender a instituto particular, elegia livremente o que lhe parecia mais excelente. Um dos mestres que teve na Palestina foi de linhagem judaica e provavelmente cristão de profissão; mas o último, e a quem preferia sempre a todos os demais, foi Panteno, que tinha escola catequética em Alexandria. Neste exame e inquirição da verdade achou claramente a grosseria dos erros da idolatria e veio em busca da luz da fé; porque, logo que esteve enriquecido com toda a opulência da literatura profana, começou a conhecer que havia outra espécie de ciência muito mais importante e delicada, que era a da Religião, como que esta era a que trazia a felicidade ao homem. Desde então sua sede de sabedoria tomou outro rumo diferente e fixou seus desejos na teologia, não querendo já mais, diz ele mesmo, que uma vida perfeita de todas as virtudes. Diz-nos que alguns daqueles que foram imediatos sucessores dos Apóstolos e que preservaram a verdadeira doutrina por tradição desde São Pedro, Santiago, São João e São Paulo haviam vivido até seu tempo para semear nos corações dos que então viviam a semente que haviam recebido dos próprios Apóstolos, seus predecessores. Enviado Panteno às Índias pelo bispo Demétrio no ano de 189, Clemente Alexandrino sucedeu-lhe em sua escola de doutrina cristã em Alexandria, na qual ensinou com muito fruto e, entre outros discípulos, contou ao famoso Orígenes e a Santo Alexandre, que foi depois bispo de Jerusalém e mártir. Seu modo de instruir era ensinar em primeiro lugar o que tinha de bom a filosofia pagã e depois ir inclinando gradualmente seus discípulos ao cristianismo: de modo que o abraçavam facilmente, como que tinham já provado muitas suaves máximas de moralidade que lhes advertia a luz da razão e que haviam achado esparsas nos escritos dos filósofos. Clemente foi promovido ao sacerdócio no princípio do reinado de Severo; porque Eusébio já lhe dá este título no ano de 195. A perseguição que este Imperador levantou contra a Igreja no ano de 202 obrigou-o a abandonar seu emprego e passar à Capadócia. Pouco depois passou a Jerusalém, onde pregou com grande constância e muito fruto, como se vê por uma carta escrita por Alexandre. Daqui marchou a Antioquia e, por quantas partes passava, estendia e aumentava o rebanho do Senhor, até que desta cidade voltou a entrar em Alexandria.

Grandes encômios nos deixaram os antigos da virtude e doutrina de São Clemente; mas seu maior elogio são seus próprios escritos, em que comunicou aos outros parte do tesouro que com tanto desvelo havia juntado. Em sua *Exortação aos gentios* faz patente o absurdo da idolatria, dando uma relação histórica da mitologia; nesta obra espalhou muitos curiosos descobrimentos que em suas viagens havia feito, formando uma agradável pintura de várias preciosidades. Sua segunda composição foi a que chama *Stromata*, que vem a ser uma miscelânea em oito livros, sem muita ordem, comparando-a o autor não com um jardim em que se advirtam em disposição ordenada árvores e plantas dispostas em ordem harmoniosa, mas com um bosque intrincado em que se

veem promiscuamente árvores e plantas de todas as espécies. Nesta obra, que diz ele haver feito para que lhe servisse como de coleção em sua idade avançada, caso perdesse a memória do que havia aprendido, expressa com candura haver falado às vezes como demasiado filósofo e haver dito algumas coisas incautamente, mas que em geral admitem interpretação simples e cândida. O estilo nesta é algo mais duro que nas demais obras suas: contudo, adverte-se nela uma grande cópia de materiais e riquezas de engenho, com uma profusão de doutrina prodigiosa; e muitos discursos sobre moralidade, metafísica, sobre várias heresias, sobre a idolatria e sobre a teologia cristã. No livro sexto pinta o caráter do verdadeiro gnóstico, ou bom cristão. Os principais traços desta pintura são que o verdadeiro gnóstico tem um perfeito domínio sobre suas paixões, é exatamente temperado e não concede a seu corpo mais que o indispensavelmente necessário: ama a Deus sobre todas as coisas e às criaturas por ele e pelo respeito que ao Senhor devem, não havendo coisa que seja capaz de separá-lo dele. Leva com paciência todos os infortúnios e põe todo o seu estudo em saber aquilo que é relativo a Deus. Jamais se deixa vencer da ira; e pede continuamente aquela caridade que o faz inseparável dele, rogando pela remissão de seus pecados e graça para não pecar mais e fazer tudo o que é bom. No livro sétimo discorre por todas as virtudes de seu gnóstico e diz que este está sempre empregado em honrar a Deus, em amá-lo, em entendê-lo ou conhecê-lo, ouvir e imitar seu Verbo que se fez homem por nossa salvação: que é cortês, afável, paciente, caritativo, sincero, fiel e temperado em tudo: que despreza os bens do mundo e está disposto a sofrer qualquer penalidade por Jesus Cristo: que nada faz por ostentação, medo nem desejo de recompensa, mas por puro amor e por puro respeito à bondade e justiça de Deus: finalmente, que em tudo é santo e divino. O gnóstico ora em todo lugar, mas em segredo, no seio de seu coração: tanto nos lugares públicos como em suas conversações e enquanto está ocupado em seus labores. Louva a Deus continuamente, não só pela manhã quando o sol nasce e pela tarde quando se põe, mas quando passeia, quando se veste, quando se deita, glorificando a Deus incessantemente, como os Serafins de que fala Isaías. Distingue depois São Clemente os verdadeiros gnósticos dos falsos ou hereges que em seu tempo perturbavam a Igreja com abomináveis novidades e com o pretexto de uma perfeição imaginária. Os erros e as extravagâncias em que alguns incorreram acerca da perfeição demonstram a muita delicadeza com que deve tratar-se esta matéria. São Clemente, para precaver-se contra os falsos místicos, explica a natureza e propriedades de cada virtude teológica e particularmente a pureza do amor de Deus. Assinala judiciosamente os limites entre a resignação e a indiferença e trata sobre a atividade, a transformação e a união, de modo que se evitem todas as equivocações, a obscuridade de palavras, a linguagem e as ilusões do fanatismo. O curto tratado deste Santo, intitulado *Quem é o rico que pode salvar-se?*, é uma exposição das palavras de Cristo ao rico avarento (Mc 10), demonstrando que para salvar-se não é necessário que um homem abandone todas as suas riquezas, contanto que faça bom uso delas conforme os preceitos de Deus. Aqui discorre o autor sobre o amor de Deus e do próximo e sobre o arrependimento; e para provar sua eficácia conta a famosa história do ladrão a quem São João converteu de sua má vida.

O *Pedagogo* de São Clemente, em três livros, é um compêndio excelente da moral cristã e manifesta o modo com que viviam naqueles séculos todos os bons cristãos. No primeiro demonstra o Santo que Cristo é o pedagogo, condutor e pastor dos homens e que todos necessitam de sua direção; porque toda a vida de um cristão deve ser uma série continuada de ações virtuosas. No livro segundo estabelecem-se várias regras para algumas obrigações particulares, especialmente as relativas à abstinência, mortificação, modéstia, humildade, silêncio, oração, esmolas e

castidade, tanto no estado do matrimônio como no do celibato. Prescreve por regra o alimento simples e escasso para a saúde e a robustez: uma comida ao dia, e esta pela tarde; ou quando muito duas, isto é, afora a principal, duas, como desjejum ou merenda de um pouco de pão ou coisa semelhante, sem o excesso do beber. Prova ser lícito contra os Encratitas o moderado uso do vinho; mas o proíbe aos jovens e deseja que só se bebesse, e isto escassamente, na comida principal. Condena o luxo no aparato e produz-se contra ele muito melhor que Juvenal e que nenhum dos satíricos anteriores ao Santo. Manda que o sono seja moderado e nunca concede que deva tomar-se durante o dia: quer que se comece a noite rezando os divinos louvores e que se levantem a orar alguma vez entre a noite, levantando-se ou deixando o leito pela manhã ao romper do dia. Contra as licenciosas liberdades dos pagãos demonstra que toda impureza é pecado contra a mesma razão natural. No livro terceiro fala da modéstia, etc., e manifesta que só os Cristãos são verdadeiramente ricos, porque o tesouro destes é a frugalidade ou moderação. Conclui exortando os homens a dar ouvidos aos salutares preceitos de Cristo, a quem dirige uma oração, louvando-o com o Pai e o Espírito Santo e dando-lhe graças por tê-lo feito membro de sua Igreja. Nesta obra estabelecem-se muitas regras excelentes para conduzir as almas à verdadeira perfeição; mas seria para desejar que em alguma tradução se fizessem mais agradáveis e conformes aos costumes de nossos tempos algumas expressões próprias daqueles séculos, ou não estranhas ao ouvido neles.

O estilo de São Clemente em seu *Pedagogo*, e especialmente em sua *Exortação aos gentios*, é florido, elegante e sublime, como observa Fócio; mas seu dizer não é ático ou perfeitamente puro. Em todos os seus escritos se adverte explicada uma erudição grande, especialmente na *Exortação aos gentios*. São Jerônimo o chama «o mais sábio de nossos autores», e Teodoreto diz: «aquele santo varão excedeu a todos em extensão de doutrina». Santo Alexandre de Jerusalém e outros antigos Padres recomendam sumamente a santidade de sua vida. O piedoso autor francês da *Biblioteca portátil dos Padres da Igreja* nota que Clemente é um dos mestres mais excelentes da vida interior entre os antigos Padres e que suas máximas principais são: que o gnóstico, ou verdadeiro cristão, deve orar em todo lugar e tempo, tanto dentro de seu coração como dizendo e rezando às vezes hinos e salmos ao Senhor; que deve crucificar todos os apetites desordenados e ter todos os seus sentidos sob uma sujeição perfeita; e ainda que por caridade esteja unido com o Senhor, deve estar sempre pedindo graça para não pecar e perdão pelo que pecou. Morreu, pois, São Clemente em Alexandria antes de acabar seu reinado Caracala, a quem mataram no ano de 217. Seu nome ocupou seu lugar no Martirológio de Usuardo, que se usou por muito tempo nas igrejas da Gália, mas nunca no Romano. O papa Bento XIV, em sua sábia dissertação dirigida em forma de Breve ao rei de Portugal, prefixada à edição do Martirológio Romano feita no ano de 1749, demonstra excelentemente que não há razão suficiente para nunca haver sido inserido seu nome neste Martirológio. A autoridade, pois, de alguns calendários particulares e o costume geral dos hagiógrafos basta para que ponhamos sua vida neste lugar. (Butler.)

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Bárbara, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Deus, qui inter cetera potentiæ tuæ miracula etiam in sexu fragili victoriam martyrii contulisti: concede propitius; ut qui beatæ Barbaræ, virginis et martyris tuæ, natalitia colimus, per ejus ad te exempla gradiamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que entre os outros prodígios de vosso poder tornastes vitorioso nos tormentos do martírio o sexo mais frágil, concedei-nos a graça de que, honrando o ditoso nascimento para o céu de Santa Bárbara, virgem e mártir vossa, caminhemos a vós por meio de seus exemplos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 51 do Eclesiástico.

Eclesiástico 51,1-8.12

> **Latim:** 1 Oratio Jesu filii Sirach. Confitebor tibi, Domine rex, et collaudabo te Deum salvatorem meum. 2 Confitebor nomini tuo, quoniam adjutor et protector factus es mihi, 3 et liberasti corpus meum a perditione : a laqueo linguæ iniquæ, et a labiis operantium mendacium : et in conspectu astantium factus es mihi adjutor. 4 Et liberasti me, secundum multitudinem misericordiæ nominis tui, a rugientibus præparatis ad escam : 5 de manibus quærentium animam meam, et de portis tribulationum quæ circumdederunt me ; 6 a pressura flammæ quæ circumdedit me, et in medio ignis non sum æstuatus ; 7 de altitudine ventris inferi, et a lingua coinquinata, et a verbo mendacii, a rege iniquo, et a lingua injusta. 8 Laudabit usque ad mortem anima mea Dominum, 12 quoniam eruis sustinentes te, Domine, et liberas eos de manibus gentium.

Português: 1 Oração de Jesus, filho de Sirac: Glorificar-te-ei, soberano rei, louvar-te-ei Deus, salvador meu. 2 Glorificarei o teu nome: Porque te fizeste o meu ajudador e protetor, 3 e livraste ao meu corpo da perdição, do laço da língua iníqua, e dos lábios dos forjadores da mentira, e à vista dos que estavam contra mim te declaraste meu ajudador. 4 E me livraste, segundo a grandeza da misericórdia do teu nome, dos que rugiam, preparados para me devorarem. 5 Das mãos dos que procuravam tirar-me a vida, e das portas das tribulações que me cercaram: 6 Da violência da chama, que me cercou, e eu no meio do fogo não senti o calor: 7 Das profundas entranhas do inferno, e da língua impura, e da palavra de mentira, dum rei iníquo, e da língua injusta: 8 A minha alma louvará o Senhor até à morte, 12 Porque livras aos que esperam em ti, Senhor, e os salvas das mãos das nações.

Reflexões

Livraste-me, segundo a multidão de tuas misericórdias, dos leões rugentes. Por ventura não são nossas paixões estes leões rugentes? Ao menos têm toda a fereza, toda a força e toda a crueldade dos leões; e que horrível destroço não fazem em nossa alma! As paixões são nossos mais mortais inimigos, tanto mais temíveis quanto são mais domésticos. Por mais que se as acaricie, se as lisonjeie e se as trate bem, jamais se domesticam, jamais se amansam. Que inimigo, bom Deus, não alimentamos em nós mesmos! O meio de domar um inimigo tão terrível é não fazer jamais pazes nem tréguas com ele. Somos vencidos desde o instante mesmo em que o tratamos com brandura. A vitória depende quase inteiramente da resistência e porfia do combate. Lisonjeia-se uma paixão? Faz-se logo mais fera e mais impetuosa; basta que se a deixe respirar um momento para que tome novas forças, forme novas cadeias e leve tudo a fogo e sangue. Há paixões que é necessário maltratá-las inteiramente: outras se devem atacar de frente; há-as também de tal qualidade que só com a fuga podemos não ser vencidos delas. Não vencer uma paixão senão pela metade é irritá-la, não tirar-lhe as forças. As reflexões sobre os tristes efeitos das paixões são um excelente remédio contra as próprias paixões. Certos povos procuravam fazer ver a seus filhos um homem inflamado em cólera, nos furiosos transportes desta paixão, para inspirar-lhes horror a este brutal frenesi. Esta espécie de pinturas não deixa de fazer sua impressão. Se o avaro, se o orgulhoso pudessem ver seus retratos ao natural; se aquele suas sujas economias e sua voluntária miséria, a fim de deixar mais fazenda a uns ingratos que se divertirão à custa de um tolo; se este suas ridículas ideias de grandeza e a desmedida estimação que faz de si mesmo com mérito tão medíocre: esta só vista lhes poderia servir de contraveneno, ou ao menos debilitaria muito a paixão. Um homem prudente se envergonharia de ser colérico, de ser avaro; e um homem cristão, de ser soberbo e altivo. Todas as demais paixões não dão melhor ideia de si a quem as vê tais como são. É um artifício de nosso amor-próprio não nos fazer ver nossas paixões senão a uma falsa luz; não nos parecem violentas, fedorentas, inimigas e perniciosas senão nos outros. Queremos que as nossas sejam sempre mais bem-acondicionadas, queremos que tenham um ar mais afável e menos rústico. Olhemo-las sem preocupações; pensemos de nós mesmos como os outros pensam; não olhemos nossas paixões senão em seus efeitos; estes são suas verdadeiras imagens; tiremos-lhes a máscara, vejamo-las sem disfarce, e nos desagradarão. Bom Deus! Não é de temer que estejamos de inteligência com elas? O certo é que se alimentam à nossa custa. A indulgência com que as escusamos dá bastante a conhecer que não as olhamos sempre como a inimigas. Com mais indulgência tratamos nossas paixões do que elas a nós: se quiséssemos vencê-las, não nos faltariam modos nem meios para consegui-lo.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Da vigilância cristã

Primeiro ponto

Considera quão funesto foi a estas virgens pouco vigilantes seu curto sono. Despertam sobressaltadas, notam então que se apagam suas lâmpadas por falta de azeite e correm a comprá-lo. Neste curto intervalo vem o esposo e enche de suas graças as virgens sábias; isto é, as virgens vigilantes que não se haviam deixado apanhar do sono. As virgens néscias, quero dizer, as que por seu descuido e sua sonolência não haviam provido suas lâmpadas, voltam com toda a diligência;

mas o esposo já havia entrado e a porta se havia fechado: chamam, gritam, suplicam, choram, mas se lhes responde: *Nescio vos:* Não sei quem sois; não vos conheço. Ah, Senhor, e quão necessária é para a salvação a vigilância cristã! Enquanto estamos nesta vida, vivemos num país inimigo: tudo são riscos, tudo tentações, tudo laços: nossos sentidos nos enganam, nosso espírito nos deslumbra, nosso próprio coração nos trai. Muitos são os objetos que nos tentam: o ar do mundo é contagioso: nós mesmos somos nossos maiores inimigos; de que armas, de que precauções não necessitamos para não sermos vencidos? O Salvador do mundo reduz todas as suas instruções a duas obrigações essenciais em que estão contidas todas as outras: *Vigilate et orate:* vigiai e orai para que não caiais em tentação. E por quê? Porque estas duas obrigações encerram em si toda a economia da graça e da liberdade do homem, as quais devem concorrer juntas para vencer a tentação. A oração nos alcança do céu os socorros de que necessitamos para pelejar; e a vigilância nos põe em estado de usar valorosamente destes socorros, inúteis se não concorrem juntos. Tu oras, mas te falta a vigilância: oração inútil, pois tua falta de vigilância impede o efeito de tuas orações. Tu vigias, mas não oras: vigilância vã e ilusória, porque prometes vencer o tentador com tuas próprias forças. Um homem que ora sem vigiar sobre si mesmo é, por dizê-lo assim, um homem armado de toda sorte de armas que adormece à vista de seu inimigo. Um homem que vigia e não ora sem cessar é um homem que está sempre em estado de pelejar, mas sem armas e sem defensivos. Considera quão indispensavelmente necessários são estes dois meios e reconhece com dor a funesta origem de todas as tuas tristes quedas.

Segundo ponto

Considera que orar sem vigiar é presumir da graça e lisonjear-se de uma esperança quimérica de vencer sem pelejar com o inimigo. Vigiar sem orar é presumir de suas próprias forças e expor-se temerariamente ao perigo de cair na tentação. Orar sem vigiar é contar com um socorro que ou não teremos, ou faremos que nos seja inútil. Vigiar sem orar é contar com um socorro demasiado débil para sustentar-nos e pedir demasiado a uma natureza tão corrompida como a nossa; mas descuidar de vigiar sobre si mesmo e de orar é estar muito perto de ceder à tentação e ser vencido. E não é esta a conduta lastimosa da maior parte das gentes? Essas pessoas tão pouco religiosas, tão pouco cristãs, juntam a oração à vigilância? Juntam-na as que se entregam cegamente a todos os perigos, as que alimentam e lisonjeiam todas as suas paixões, as que conhecem que não são tão insensíveis à impressão dos objetos que se lhes apresentam? Essas mulheres do mundo juntam a oração à vigilância quando passam os dias na mais perniciosa ociosidade, quando não pensam senão no fausto, no enfeite, nos espetáculos, nas diversões, cujos costumes são tão contrários à moral da Religião e cuja conduta é inteiramente pagã? E pasmam-se depois de que o inferno se encha de cristãos? E lastimam-se da dificuldade que há no mundo de obrar sua salvação? E escusam-se e desculpam-se com sua fraqueza? Quando a salvação fosse tão fácil como é difícil, vivendo como vivem hoje a maior parte dos cristãos, salvar-se-iam? Podem fazer mais gastos dos que fazem para assegurar sua própria reprovação? As almas mais inocentes, mais retiradas e mais fervorosas, aquelas almas tão verdadeiramente cristãs, as virgens sábias, não deixam de vigiar e orar sem cessar, e com todos estes socorros se lhes diz que obrem sua salvação com temor e tremor; e umas almas escravas do pecado, e tantas vezes vencidas, vivem numa profunda segurança. Oh delírio, oh frenesi!

Dignai-vos, Senhor, fazer que estas reflexões me sejam salutares e proveitosas; não me negueis a graça que vos peço de vigiar e orar incessantemente.

Jaculatórias

Penetrai minha carne de vosso temor, para que esteja em estado de evitar vossos terríveis juízos. (Sl 118.)

Ajudai-me, meu Deus, e me salvarei: e meditarei sem cessar vossos preceitos. (Ibid.)

Propósitos

1. Passam os dias da maior parte dos cristãos num contínuo esparramar-se para fora, numa espantosa dissipação de espírito e de coração; derramam-se para toda sorte de objetos e prometem-se uma sorte feliz e ditosa. Corrige desde hoje este erro e, depois de haver considerado a necessidade que tens de orar e de vigiar sem cessar, faze uma firme resolução de pôr em prática tudo o que conheceres ser-te necessário. Não te contentes com tuas orações ordinárias: em tuas orações lembra-te de pedir a Deus a vitória de tuas paixões e de tuas tentações: acostuma-te também a fazer continuamente durante o dia, e quando despertares pela noite, estas orações jaculatórias ou aspirações devotas: Eu vos amo, meu Deus; antes morrer, Senhor, que ofender-vos: Senhor meu e Deus meu. *Deus, in adjutorium meum intende: Domine, ad adjuvandum me festina:* Tende cuidado, meu Deus, de ajudar-me; dai-vos pressa, Senhor, de vir assistir-me, etc.

2. Vigia a toda hora sobre ti mesmo, está alerta contra ti mesmo, desconfia sem cessar de teu amor-próprio e de teu próprio coração. O fruto desta vigilância é a guarda dos sentidos; a modéstia e a circunspecção são as chaves, por dizê-lo assim, do tesouro da inocência. O silêncio é um freio de nossa alma: ninguém se arrependeu jamais de havê-lo observado; e nunca se fala muito sem que se tire algo de que arrepender-se. Não te esqueças jamais desta sentença do Salvador: *Vigilate et orate:* Vigiai e orai.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:30 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:30 by Admin